

**Sociedad,
cultura y literatura**

Carlos Arcos Cabrera, compilador

Sociedad, cultura y literatura



FLACSO
ECUADOR



Ministerio
de Cultura

© De la presente edición:

FLACSO, Sede Ecuador

La Pradera E7-174 y Diego de Almagro

Quito-Ecuador

Telf.: (593-2) 323 8888

Fax: (593-2) 3237960

www.flacso.org.ec

Ministerio de Cultura del Ecuador

Avenida Colón y Juan León Mera

Quito-Ecuador

Telf.: (593-2) 2903 763

www.ministeriodecultura.gov.ec

ISBN: 978-9978-67-207-5

Cuidado de la edición: Bolívar Lucio y Paulina Torres

Diseño de portada e interiores: Antonio Mena

Imprenta: Rispergraf

Quito, Ecuador, 2009

1ª. edición: junio 2009

Índice

Presentación	9
Introducción	11
PARTE I	
Martins Pena e o dilema de uma sensibilidade popular numa sociedade escravista	43
Antonio Herculano Lopes	
Humberto Salvador y la entrada de Sigmund Freud en las letras ecuatorianas	55
Fernando Balseca	
El problema de la subjetividad en <i>Autorretrato de memoria</i> de Gonzalo Millán	73
Biviana Hernández	
Cuerpo, sensualidad y erotismo: espacio de resistencia desde el cual las narradoras centroamericanas impugnan los mandatos simbólico-culturales	89
Consuelo Meza Márquez	
Diferenças culturais e dilemas da representação	105
Diana I. Klinger	

Opiniones cruzadas sobre veinte años de narcotráfico en Colombia	121
Gabriela Pólit Dueñas	
Entre un tapete persa, un Cadillac y Walden. <i>Las Hojas Muertas</i> de Bárbara Jacobs	135
Hélène Ratner Zaragoza	
“Caracas, ciudad multicultural de los noventa en las novelas: <i>La Última Cena</i> de Stefanía Mosca (1957) y <i>Trance</i> de Isabel González (1963)”	151
Laura Febres de Ayala	
<i>Hasta no verte Jesús mío</i> (1969) de Elena Poniatowska: ¿testimonio o Literatura contestataria?	169
María Miele de Guerra	
Dimensões sensíveis da brasilidade modernista; eboços de uma genealogia literária	179
Mônica Pimenta Velloso	
Desde la sumisión a la rebeldía: El deseo de sujeto femenino y su negación como estrategia de subversión en la obra de María Carolina Geel	193
Pamela Baeza Acevedo	
Cinco imágenes, un ensayo y su propia refutación	211
Ramiro Noriega Fernández	
Letras judaicas americanas: diálogo norte/sur en las autobiografías de Ariel Dorfman e Ilan Stavans	229
Rodrigo Cánovas	
Reordenando el margen discursivo de la violencia. <i>Los Santos Malandros</i> : una nueva representación simbólica/medial en Venezuela	243
Dariuska González	

La construcción del sujeto cultural en el discurso y metadiscursos poético y visual mapuche 255
Sonia Betancour

El modelo mito-poético del mundo en la cultura quechua durante el Tahuantín Suyu 271
Ileana Almeida

Estrategias del discurso artístico mapuche como proyecto de autonomía estético-cultural 283
Mabel García Barrera

Traducción y literatura chicana: ¿cuán efectiva puede ser la adaptación? 303
Judith Hernández

PARTE 2

Cine, performatividad y resistencia. Apuntes para la crítica del documental indigenista en Ecuador 321
Christian León

Modernismo brasileiro e mídias audiovisuais: antropofagia globalizada 337
Sonia Cristina Lino

¿Recuerdas Juan?: el rastro del olvido en una película de J. Carlos Rulfo 351
Sua Dabeida Baquero

Energúmenos, best-sellers y cintas de vídeo: mal y subdesarrollo en El exorcista y Satanás 365
Emilio José Gallardo Saborido

PARTE 3

<i>Entre la ira y la esperanza:</i> una escritura y lectura desde la interdisciplinariedad	385
Michael Handelsman	
La polémica periodística y la formación de la inteligencia en Colombia en la segunda mitad del siglo XIX	399
Germán Alexander Porras Vanegas	
Tradição e Modernidade no Brasil Rural de Maria Isaura Pereira de Queiroz	409
Aline Marinho Lopes	
El barroco y la modernidad latinoamericana. Una lectura a la obra de Bolívar Echeverría	421
Gustavo Morello	
Pensamento crítico latino-americano e os projetos de sociedade na visão dos uruguaios Rodó e Vaz Ferreira e do peruano Mariátegui	437
Sonia Ranincheski	
Sociología, literatura e fome: um retrato da intolerância	453
Tânia Elias Magno da Silva	

Sociologia, literatura e fome: um retrato da intolerância

Tânia Elias Magno da Silva*

O tema da fome permeia várias obras artísticas e literárias, tanto nacionais como mundiais. Inúmeras são as representações artísticas deste flagelo que campeia no mundo, quadros, poemas, romances, filmes, canções foram e continuam sendo construídos sobre o imaginário da fome. Há, como afirmou Glauber Rocha (1965), uma estética da fome que encanta e horroriza ao mesmo tempo. São obras de um realismo que impressiona e que comovem, ao mesmo tempo em que podem ser consideradas obras de denúncia de nossa tolerância com o intolerável, muitas são verdadeiras obras de sociologia da fome.

Ao falarmos de intolerância e de fome nosso imaginário tende a nos conduzir aos terríveis quadros de destruição e barbárie resultantes das guerras e conflitos que marcaram e ainda marcam a nossa história sobre a face do planeta. Ódios materializados em guerras, perseguições, banimentos, retaliações, torturas, desprezo, mortes, exprimem a linguagem da intolerância. E o que dizer dos quadros de miséria e fome que assolam o mundo moderno e que resultam não apenas de guerras ou de períodos de calamidades climáticas, mas da perversidade de um modelo econômico que mata em tempos de paz (?), mata em surdina, aniquila povos inteiros, condena-os a morte lenta, asfixia suas mentes em nome do progresso, da modernidade?

Quando falamos de intolerância, estamos falando também de tolerância, do intolerável e do tolerável, do nosso sentimento e do sentimento do Outro.

* Universidad Federal de Sergipe taniamagno@uol.com.br

A fome não é imagem do passado, mas um desafio do presente que ameaça o futuro. Grassa em todo o planeta, passeia pelas ruas do mundo, espia gulosa pelas vitrines dos restaurantes, dos supermercados, mendiga nas feiras livres, resulta do desperdício, do descaso para com o outro e denuncia um sistema econômico e político perverso, bem como a nossa tolerância para com o intolerável.

Imagens de famintos povoam o nosso cotidiano, convivem conosco, mas parecem ser invisíveis aos nossos olhos. Eis mais uma faceta do tolerável/intolerável. Os quadros da fome nos fazem agradecer o nosso prato cheio e esgueirarmo-nos o mais possível dos famintos. Esta é sem sombras de dúvida uma forma de aniquilamento do Outro e retrata um sentimento quase xifópago: a tolerância da intolerância.

Paradoxalmente, somos cada vez mais intolerantes em nome da tolerância. Fechamo-nos em círculos pequenos e ignoramos o destino do Outro em nome do respeito à diferença, à individualidade, a alteridade e acabamos tolerando o intolerável. Somos como afirma Alain Touraine (1998) cada vez mais tribais numa sociedade cada vez mais globalizada, de fronteiras tênues, pois “quando estamos todos juntos, não temos quase nada em comum; e quando partilhamos crenças e uma história, rejeitamos os que são diferentes de nós”.

Tolerar o intolerável é o alerta que Susan George faz ao escrever O Relatório Lugano (2002), pois uma parte considerável do mundo habitada pelos mais pobres, parece não mais fazer parte dos planos de ajuda para o desenvolvimento, bem como suas populações vem sendo dizimadas pela fome, doenças e guerras, sem que nos preocupemos com o fato. É uma lógica perversa que exclui os desvalidos como se eles fossem os responsáveis por sua miséria.

Ao contrário do que muitos pensam a pobreza e a miséria não se constituem em uma necessidade ou fatalidade, são produtos de um modelo econômico que reparte desigualmente a riqueza produzida e condena milhares de pessoas em todo o mundo a condições de miserabilidade extremas.

A intolerância é uma temível parceira do totalitarismo, seja ele nacional, religioso ou étnico, cuja recusa ao outro chega a ponto de aniquilá-lo. E suas exteriorizações se concretizam através da estigmatização do

estrangeiro, da xenofobia e do racismo. Mas o que é o intolerável? Concordo com Perrot (2000: 111) que:

“Intolerável? É o sofrimento dos fracos, joguetes e vítimas dos poderes públicos e privados: crianças, estrangeiros, deficientes, pobres de pobreza extrema, prisioneiros cujo encarceramento cria uma zona de não - direito, reduzidos, portanto, à abjeção, quando não sujeitos à tortura; todas essas vítimas corriqueiras da dominação cotidiana, ou vítimas excepcionais das guerras, das deportações e limpezas étnicas, mais que nunca na ordem do dia...”

Intolerável é fingir que não temos conhecimento do que se passa ao nosso redor quando estamos conectados ao mundo, quando dispomos de todo o tipo de informação: jornais, revistas, rádio, televisão, internet, e, portanto, vemos e convivemos diariamente com a dor dos deserdados da terra: os desempregados, os famintos, os doentes, os torturados, os perseguidos, os exilados e banidos.

È sobre a fome e seu imenso caleidoscópio de representações e interpretações, que o presente artigo se debruça. O texto está dividido em duas partes: A primeira trata do tema no âmbito das ciências sociais tendo como referência a sociologia da fome contida nos escritos de Josué de Castro, em especial nas obras *Geografia da Fome* (1946) onde a análise recai sobre os nichos de fome no Brasil; *Geopolítica da Fome* (1951): a fome no mundo e *O Livro Negro da Fome* (1957), lançado na fundação da Associação Mundial de Luta Contra a Fome - ASCOFAM, como um libelo de denúncia e conscientização do problema e, a segunda apresenta um texto literário construído a partir de um caleidoscópio de imagens extraídas da literatura nacional e mundial e do cancionero popular, evidenciando que o drama dos famintos, independente de época ou lugar é um só.

Josué de Castro e a Sociologia da Fome

Josué de Castro (1908-1973) é um dos pioneiros na elaboração de uma sociologia da fome. Médico de formação, com especialização em doenças da alimentação, cedo enveredou no campo das ciências sociais, iniciando pela geografia humana, e depois pela antropologia, sociologia e política

no intuito de melhor compreender o fenômeno que estudava: a fome. Autodidata, sem amarras a escolas sociológicas, contrário a ortodoxismos e dogmatismos, buscou cada vez mais ampliar o seu universo interpretativo do fenômeno da fome, de forma a apreendê-lo em sua totalidade e complexidade.

O inquérito *As condições de vida das operárias no Recife* (1935) marca o início de seus estudos sociológicos. Neste estudo conclui ser a fome e não as questões de raça ou clima a razão da baixa produtividade do operariado recifense. Denuncia a deficiência de o regime alimentar como causa da aparente apatia dos operários, é a desnutrição resultante da subalimentação que em surdina destrói continuamente uma população, sem chamar a atenção, nem despertar piedade a responsável pela baixa produtividade e precariedade das condições de saúde dos operários. Correlaciona as altas taxas de mortalidade ao estado de pobreza que condiciona a fome coletiva, para concluir que só havia uma maneira pior para se alimentar: era não comer nada.

Geografia da Fome (1946) e *Geopolítica da Fome* (1952) são obras que consolidam sua sociologia da fome (Silva, 1998). Agregam-se a essas duas, *O Livro Negro da Fome* (1960) e *Sete Palmas de Terra e um Caixão* (1967), além de inúmeros estudos e artigos publicados. Josué foi um extremado militante no combate ao que denominava de “o pior flagelo”: a fome.

Um pilar básico de sua análise teórica sobre a fome e que se consolida em *Geografia da Fome* é compreender e analisar a fome como um fenômeno social, vinculando-a ao subdesenvolvimento. Para ele fome e subdesenvolvimento são a mesma coisa. Em seus estudos analisa não só as causas estruturais da fome, evidenciando os seus condicionantes históricos, políticos e econômicos, mas também o viés sócio-cultural dos regimes alimentares, bem como as consequências da fome nas populações.

Em *Geografia da Fome* toma como premissa de análise os regimes alimentares e divide o país em cinco regiões alimentares e, revela os nichos da fome através da elaboração do Mapa da Fome no Brasil. Esta obra representou um marco no estudo da realidade brasileira, tanto por mapear a fome revelando os seus nichos, como por correlacionar fome e subdesenvolvimento, ou seja, por inserir o tema no campo de estudos das ciências sociais ao considerar a fome uma questão política.

São cinco as áreas culturais da fome no Brasil apontadas no Mapa: a Amazônia, a área da Mata do Nordeste, Sertão do Nordeste, Centro-Oeste e Extremo-Sul, sendo que as três primeiras são consideradas como áreas críticas da fome no país.

Tendo como premissa os hábitos alimentares com ênfase nos condicionantes históricos, econômicos, culturais e geográficos, busca demonstrar como as condições climáticas, econômicas e culturais influenciaram e influenciam esses hábitos, muitas vezes empobrecendo-os e trazendo como conseqüências uma série de doenças da fome, como é o caso do beribéri, da pelagra, do escorbuto e da tuberculose, entre outras.

Castro aponta o subdesenvolvimento como o principal fator de fome no Nordeste, seja no Nordeste açucareiro, seja nas áreas do sertão, a luta contra a fome precisaria ser encarada como uma luta contra o subdesenvolvimento em todo o seu complexo regional. Para o autor todas as medidas e iniciativas não passariam de paliativos enquanto não se procedesse a uma reforma agrária racional que libertasse as populações da servidão da terra, pondo-a a serviço de suas necessidades.

Sem uma verdadeira reforma agrária seria impossível se combater a fome e a miséria. Desenvolvimento e reforma agrária não poderiam ser pensados separadamente, pois são elos de uma mesma corrente. Só através de uma reforma agrária seria possível inocular na economia rural os germes de progresso e desenvolvimento representados pelos instrumentos técnicos de produção, pelos recursos financeiros, e pela garantia de um justo rendimento das atividades agrárias.

Ao final conclui que a fome como uma expressão do subdesenvolvimento econômico só desapareceria quando este fosse varrido do país, juntamente com o pauperismo generalizado que este condiciona. Diante do que considerava “um falso desenvolvimento!”, alertava para o aumento do desemprego, o inchaço das grandes cidades e o crescimento do pauperismo generalizado, o desequilíbrio entre a cidade e o campo e o perigo de se justificar sempre “o custo do progresso”.

O estudo feito no final da década de 1940, em que pese ter ocorrido algumas mudanças no cenário nacional, continua válido para o Brasil de hoje. A fome, longe de ser um problema solucionado ou sob controle, apesar das inúmeras campanhas, projetos, programas e políticas públicas

desenvolvidos com esta finalidade, está longe de ser um problema resolvido.

A reforma agrária continua a ser o “calcanhar de Aquiles” da política brasileira, como muito bem asseverou Josué de Castro ao tratar da questão, já na primeira edição de sua obra em 1946. Ao contrário do que apregoam os arautos governamentais, o pouco que tem sido feito nessa área deve-se à luta empreendida pelos trabalhadores sem-terra, através de suas organizações e das entidades que os representam ou apóiam, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, e de setores da Igreja Católica, como a CPT e outras pastorais, intolerantes com a perversa tolerância governamental.

O resultado da inoperância governamental tem se traduzido nas inúmeras mortes no campo decorrentes da luta pela terra e que deve ser entendida como uma luta pelo alimento, contra a fome e em defesa da vida. É um espelho que reflete os quadros da intolerância/tolerância.

As marcas geográficas da fome assinaladas por Josué de Castro e consideradas na época, por muitos críticos, como um desserviço ao país, foram e continuam sendo um desafio a ser superado. São marcas de uma dívida social acumulada ao longo de séculos. O livro é um alerta para o intolerável: a fome, ao mesmo tempo em que denuncia o crime da tolerância para com o intolerável. Um retrato traçado há mais de cinquenta anos e que continua válido para o Brasil do século XXI, conforme denuncia o excelente trabalho realizado por Xico Sá e U. Dettmar, *A nova Geografia da Fome* (2003).

Em *Geopolítica da Fome* (1953) Castro alerta os leitores para o fato de que a fome foi sempre um assunto considerado delicado e perigoso, tão delicado e perigoso por suas implicações políticas e sociais que havia permanecido, assim como o sexo, quase até aqueles dias como um dos tabus da nossa civilização. O método utilizado é o mesmo de *Geografia da Fome* (1946), e trás à tona não só as raízes históricas do problema, como seus condicionantes econômicos, sociais e culturais, os fatores geográficos e biológicos que interferem, as explicações fisiológicas e as conseqüências físico-bio-psicológicas da fome, bem como a dimensão ecológica da questão e, sobretudo, a dimensão política do problema.¹

Segundo Josué de Castro a literatura ocidental, com algumas exceções, era cúmplice desta ocultação do fenômeno: “cúmplice do silêncio, que ocultou aos olhos do mundo a verdadeira situação de enormes massas humanas debatendo-se dentro do círculo de ferro da fome” (1953: 41). Buscando as verdadeiras causas da fome no mundo, denuncia a economia colonial pela “feia tragédia da fome, produto, em grande parte, desse colonialismo desumanizado”, ao tempo que se contrapõe veementemente às teses neomalthusianas, denominadas por ele de “o espantinho malthusiano”:

“(…) não fazem mais que atribuir à culpa da fome aos próprios famintos. (...) esses povos famintos não passam, a seu ver, de povos criminosos, criminosos culpados desse feio e tremendo crime: passar fome A teoria neomalthusiana é, em última análise, uma teoria do faminto-nato” (1953: 54).

As absurdas projeções demográficas apresentadas pelos neomalthusianos como ameaça a vida no planeta,² careciam, segundo Josué de qualquer fundamento científico, além de serem ideologicamente reacionárias. Na defesa de sua tese, esclarece:

“Não concordamos inteiramente com Marx, quando afirma que a produção pode ser indefinidamente aumentada; mas, acreditamos que ainda estamos infinitamente longe do seu limite máximo. E, por isso não nos assusta o espectro de Malthus ou, como nos vem sempre vontade de dizer, o espantinho de Malthus” (1953: 57).

Esta obra foi escrita e publicada pouco depois de terminada a Segunda Guerra Mundial e o conflito entre os Estados Unidos e o Japão, quando as trágicas conseqüências destes dois acontecimentos que abalaram o mundo, ainda estavam bem presentes na memória de boa parte da popu-

1 *Geografia da Fome* é apresentado como o primeiro de uma série de cinco livros a serem escritos sobre a fome no mundo.

2 Este é ainda um tema controverso nas discussões sobre as perspectivas futuras das condições de vida no planeta.

Ver a respeito entre outros: Sasson, Albert (1993). Em especial: Produção e Comércio dos Produtos Agroalimentícios e Realizações e Promessas: Cooperação Internacional e Perspectivas.

lação mundial. Os quadros resultantes da intolerância estavam bem presentes na mente das pessoas, e o livro busca dar ênfase as situações calamitosas que o mundo enfrentava e despertar os leitores de uma possível apatia e descaso para com o destino de mais de três quintos da população mundial vitimadas pela fome. É contra a tolerância do intolerável que o autor se volta, e escreve com veemência:

“(…) em alguns trechos deste livro o leitor poderá sentir certa paixão nas palavras do autor, mas é a paixão pela verdade, que é a poesia da ciência. Paixão pelos problemas humanos em sua totalidade e em sua universalidade. O fato de o autor fazer uso, em alguns trechos, de tintas um tanto negras deve ser considerado pelo leitor uma conseqüência inevitável de ter sido este livro - documentário de uma era de calamidades - pensado e escrito sob a influência psicológica da pesada atmosfera que o mundo vem respirando nos últimos dez anos. Atmosfera contaminada pela corrupção, pela frustração e pelo medo e abafada pela fumaceira das bombas e dos canhões, pela pressão das censuras de toda ordem, pelos gritos e clamores das vítimas da guerra e pelos gemidos surdos dos aniquilados pela fome” (1953: 62-63).

Nas duas primeiras partes do livro o mundo da fome é analisado em sua expressão universal e em suas peculiaridades regionais, na terceira parte apresenta uma saída para um mundo sem fome e sem a necessidade de se apelar para as propostas dos neomalthusianos. É a fome oculta que lhe preocupa e que busca denunciar em seu estudo. O quadro mais preocupante e perigoso, segundo o autor, é o representado pelas fomes qualitativas específicas a que grande parte da população está permanentemente submetida: “fomes de proteína, de sais minerais e de vitaminas. A fome de proteínas é extremamente generalizada, desde que as fontes de proteína completa, como a carne, os ovos, e o leite quase não participam da dieta” (1952: 212).

Escrita há mais de cinqüenta anos, esta obra, assim como Geografia da Fome, sofreu várias atualizações em suas diversas edições, sendo sempre mantido o teor das análises, apenas atualizados os dados estatísticos demográficos e geopolíticos da fome no mundo, uma vez que as raízes do problema, bem como suas conseqüências, permaneciam as mesmas.

A fome continua a fazer cada vez mais vítimas em todo o planeta, corroborando a assertiva de que “toda a Terra é terra de fome”, embora uns padeçam mais que outros na luta pela sobrevivência. Afinal, este não é um flagelo natural, nem uma praga divina enviada para castigar os homens e sim o resultado de um modelo econômico e político perverso que precisa fabricar miseráveis para que uma minoria privilegiada possa usufruir da riqueza produzida pela maioria.

O estudo feito em 1951 sobre a fome no mundo, encontrou eco na campanha mundial que a FAO lançou em 1960 contra a fome e que previa que em um decênio o problema estaria amenizado. Em 1996, a ONU diante do fracasso da campanha anterior, viu-se obrigada a repetir a mesma façanha em campanha similar, diante do imenso número de famintos e desnutridos do planeta: mais de 800 milhões de pessoas! Sendo que o maior índice está concentrado na faixa etária de 0 a 5 anos de idade.

Em 1957, por ocasião da fundação da Associação Mundial de Luta Contra a Fome –ASCOFAM, Josué de Castro publica *O Livro Negro da Fome*, como um manifesto de denúncia da situação de fome no mundo e de suas causas e conseqüências³. O objetivo principal desta obra era o de demonstrar que a fome e o subdesenvolvimento são uma coisa só, não havendo outro caminho para lutar contra a fome senão o da emancipação econômica e da elevação dos níveis de produtividade das massas de famintos, que constituíam (e ainda constituem) cerca de dois terços da população mundial (Castro, 1968).

Como afirma o autor no Prefácio do livro, “é a fome –a fome crônica e endêmica em escala universal– o traço mais típico da miséria reinante em nosso mundo, e a sua revelação constituiu sem dúvida a grande descoberta da ciência e da cultura do século XX”. O livro buscava comover os leitores e leva-los não só a tomada de consciência do problema, mas aumentar o número de aliados na luta contra a fome, ou seja, tira-los da inércia, da indiferença.

3 A ASCOFAM foi criada por Josué e mais um grupo de personalidades de renome internacional, interessadas pela sorte da humanidade, entre as quais se destacavam os nomes do Padre Joseph Lebreton, Abbé Pierre, Albert Schweitzer, Raymond Schein, Louis Maire, Kuo-Mo-Jo, Paul Martin, Lord Boyd Orr, Tibor Mende, René Dumont e de Max Habicht, homens preocupados com a tolerância do intolerável e intolerantes diante do drama da fome.

O “patriocentrismo” é condenado como uma das causas mais graves do desequilíbrio em que vivemos e conclui ser a luta contra a fome, concebida em termos objetivos, o único caminho para a sobrevivência de nossa civilização, “ameaçada em sua substância vital por seus próprios excessos, pelos abusos do poder econômico, por sua orgulhosa cegueira – numa palavra, por seu egocentrismo político, sua superada visão ptolomaica do mundo” (Silva, 1998: 285).

Mais do que convencer, quer o autor despertar a chama de humanidade que parecia estar adormecida na consciência dos homens, diante de uma estranha tolerância para com a intolerável calamidade da fome no mundo. Josué apela para uma nova visão de humanidade, muito próxima daquela que nos propõe Morin (1994), apela para uma consciência planetária, uma responsabilidade para com o planeta e esta mudança radical só poderia começar na irmandade dos homens contra a mais terrível situação de miséria humana: a fome. Este é sem dúvida um libelo contra a intolerância tirânica de um sistema econômico e político que bane do direito de vida cerca de dois terços da população do planeta, matando-os lentamente.

Adentramos o novo século com guerras fratricidas, guerras econômicas, perseguições étnicas, intolerância para com o Outro. A miséria e a fome continuam a campear por extensos territórios dizimando milhares de pessoas por ano, mas parece que cada vez mais nos acostumamos com a desgraça alheia e toleramos o intolerável, como se não tivéssemos nenhuma responsabilidade sobre o destino do planeta.

A fome, um problema humano, político e social, um flagelo produzido pelos homens em suas opções políticas e econômicas, deve ser encarada como um instrumento de dominação e poder, talvez seja como afirma Minayo (1992), a expressão mais dolorosa e cruel da violência social. A fome, conforme afirmou Herbert de Souza (Silva, 1998.) é o banimento da Terra.

A literatura da fome

O tema da fome está presente em várias obras literárias, tanto nacionais como mundiais, algumas, como foi o caso de “Fome” de Knut Hamsum, ganhador em 1920, de um Nobel de Literatura, tornaram-se clássicas. No Brasil, vários são os romances que tratam do tema, obras que apesar de escritas há quase um século, como é o caso do romance de Rodolfo Theófilo, “A Fome. Scenas da Secca no Ceará”, publicado em 1922, continuam atuais e desafiadoras, pois os problemas da fome, da miséria, da exclusão social, da injustiça social retratadas nessas e em outras obras estão a desafiar o tempo.

Como denunciava Josué de Castro, a fome é um tema universal, em todos os cantos do planeta há sempre e infelizmente uma área de fome, até mesmo nos ditos nichos de riqueza e abundância como é o caso dos Estados Unidos, existem ilhas de miséria e uma procissão de famintos.

Inúmeras são as representações artísticas deste flagelo que campeia no mundo, quadros, poemas, romances, filmes, foram e continuam sendo construídos sobre o imaginário da fome, há como afirmou Glauber Rocha (1965), um estética da fome que encanta e horroriza ao mesmo tempo. Victor Hugo ao escrever *Os Miseráveis*, obra prima da literatura francesa, escreve sobre a fome e o universo dos famintos, sua trágica trajetória e, embora trate do período da revolução francesa, é uma obra atual, sempre lembrada quando nos vemos diante de cenas que parecem saídas de seu romance.

Uma bricolagem de trechos de varias obras que tratam da temática, como pequenos fragmentos unidos formando um grande mosaico, revelam-nos como a fome é um tema sem pátria e sem época, um tema atual, bem como as imagens literárias das obras aqui utilizadas parecem ser as mesmas, independente de época ou de autoria.

Trechos de obras de Raquel de Queiroz, Pearl Buck, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Josué de Castro, Francisco Dantas, Knut Hamsum, Luis Romano, Ítalo Calvino, Cora Coralina, J.G. de Araújo Jorge, Carolina de Jesus entre outros, coladas umas as outras nos dão uma dimensão sócio-literária da fome, do intolerável. De propósito não assinalo de quem é cada fala, este é um desafio, uma espécie de quebra-cabeças que deixo para o leitor decifrar.

Um caleidoscópio de imagens

“Pouco, mas o suficiente para dar ao livro o gosto e o cheiro fortes do drama da fome que é, no fundo, a carne desta obra”.

Vocês já viram que não foi por ambição que a gente abandonou a terra do sertão. Não foi em busca de riqueza. Foi em busca de vida. Foi para salvar a vida dos meus que desci para a costa. Vínhamos em busca de vida, mas o que a gente topava a cada instante era com a morte e não com a vida.

–Para onde está indo toda essa gente?

–O homem respondeu:

–Somos famintos e vamos apanhar o vagão de fogo que segue para o sul. Sai lá daquela casa. Há carros para gente como nós, por um preço menor que uma pratinha. (...) –É preciso comer– tagarelava ele, muito camarada dos que se apertavam em torno dele no vagão de fogo que avançava aos trancos e solavancos. – Não me incomoda que meu estúpido estomago se tenha tornado preguiçoso depois de tantos dias de ociosidade.

E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações... Cortam a caatinga abrindo passo pelos espinhos, vencendo as cobras traçoeriras, vencendo a sede e a fome, os pés calçados nas alpargatas de couro, as mãos rasgadas, os rostos feridos, os corações em desespero.

(...) É a fome e a doença, os cadáveres vão ficando pelo caminho, estrumando a terra da caatinga e mais viçosos nascem os mandacarus, maiores os espinhos para rasgar novas carnes dos sertanejos fugidos.

Criança pobre

De pé no chão.

Suja, rasgada, despenteada.

Desmazelada.

Criada à toa, de roldão.

Cria de casebre,

Enxerto de galpão.

Não faz anos.
Não tem bolo de velinhas.
Não tem Natal.
Não tem escola.
Não tem banheiro.
Não tem cuidados.
Não tem carinho.
Só tem milhões de vermes
De amarelão.
Assim, vive um pedaço de tempo.
Depois, morre.
No cemitério da cidade,
a quadra de crianças
se enche logo
de comorozinhos
iguais, iguaizinhos-
de crianças pobres, desnutridas
(pasto de vermes na vida)
que vão morrendo
de desnutrição.

De súbito, senti que faltava o terreno; a cabeça começou a andar a roda e estava quase a perder os sentidos; procurei continuar o caminho sem fazer caso, mas cada vez me sentia pior; por fim não agüentei mais e, metendo-me na primeira porta que encontrei, sentei-me na escada. Todo o meu ser sofria uma transformação completa, como se o meu interior se toldasse com um espesso véu e o cérebro se desconjuntasse.

A que atribuir àquela profunda prostração que me afligia? Seria devida à umidade e ao frio da noite? Ou seria porque havia já dois dias que nem sequer quebrava o jejum?

Os meninos choramingavam, pedindo de comer.

E Chico Bento pensava: - Por que, em menino, a inquietação, o calor, o cansaço, sempre aparecem com o nome de fome?

- Mãe, eu queria comer...Me dá um taquinho de rapadura!

- Cordulina assustou-se:

- Chico, que é que se come amanhã?

Era a primeira vez que tinham carne para comer desde que haviam matado o boi (...)

- Com certeza pediste esmola hoje a algum estrangeiro - disse ele a

O-Ian. Mas ela, como de costume, não disse nada. Então o mais moço dos meninos, demasiado pequeno para se conter e orgulhoso de sua esperança, exclamou:

–Fui eu quem arranjou...é minha essa carne. Quando o açougueiro se voltou, depois que a cortou dum pedaço grande de cima do balcão, corri por baixo do braço duma velha, que viera comprá-la, agarrei-a e escapuli-me para um beco, escondendo-me num tonel vazio, que havia atrás duma porta, à espera do mano.

–Pois não comerei esta carne! Exclamou Wang Lung, colericamente. – Comeremos a carne que pudermos comprar ou pedir, mas não carne roubada. Mendigos podemos ser, mas ladrões, nunca.

Lúcio fechou o livro do ponto e mandou dispersar, que nessa tarde não havia vales, que o fim da semana estava longe, que não havia milho para toda a gente antes da chegada do Falucho.

Da multidão elevou-se um clamor de desconsolo, de súplicas, cada um rezando sua história a justificar sua razão de vida, que os meninos estavam sem comer, que a casa não tinha um simples grão de milho para entreter a boca.

No dia seguinte mais nome ficaria riscado na folha do capataz. As valas da estrada guardariam um outro debilitado que não pode mais avançar, boca aberta, corpo e olhos a falar para além da morte. No fundo das ancas laivos de sangue.

A fome voltava a fazer sentir os seus efeitos. Encontrava-me com uma indisposição fantástica. Via o pequeno rolo de papel branco e parecia-me um cartucho cheio de pequenas moedas de prata; e por fim já julgava aquilo uma realidade.

Bem diz o povo que quem ensina é a vida, e quem bota cara feia sem nunca desenvergar é o diabo da fome.

Coriolano comprime a barriga com as mãos e se enrodilha de lado, procurando minorar a lancetada das entranhas roídas que sente como um oco azedado. Bota a candeia no prego, aviva as brasas apagadas e prepara o chá de capim-santo que vai tomar daqui a pouco com raspas de rapadura.

(...) Com os solavancos do cavalo pela estrada dura, a barriga roncava como um porco e era de fazer medo seu barulho nas tripas vazias. Com o calor do sol começou a subir da carga um cheiro forte das mercadorias. Do lado direito vinha um cheiro bom de queijo que me fazia cócegas nas ventas(...) A fome foi crescendo a minha barriga vazia. A boca foi

ficando cheia de uma saliva impertinente...

“Você vomitou, de vergonha, toda sua fome, Zé Luis. Pois eu, com licença da palavra, caguei a minha fome toda, do sertão até aqui.”

Só larguei o sertão quando não pude mais me agüentar. Comi todas as minhas reservas de milho e de farinha. Depois, virei raizeiro. Durante um mês inteiro cavei o chão duro e rachado da seca, em busca de raiz de planta braba. Comi xiquexique, macambira e raiz de mucunã, e continuaria comendo até hoje essas plantas brabas pra não largar minha terra, se não fosse a sede desesperada. Foi a sede que me botou pra fora do sertão, mais do que a fome.

- Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida.

- Manguê, navio encalhado
- já sem destino nem porto,
 - encalhado num “mar morto”
- com penachos de palmeiras
- que são círios ou bandeiras
- em festas ou funerais...
- Desaguadouro da sífilis
- cano de esgoto da raça
- vergonha da juventude
- por ti quanta gente passa
- e diz que não lembra mais,
- pedaço sujo de praia
- no fundo de uma enseada
- onde as ondas levam restos
- que os próprios peixes não comem,
- (e que, entretanto, são restos
- que alimentam muito homem...)

- Nas favelas, as jovens de quinze anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras (...) Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho. Tem as mães, que catam frutas e legumes nas feiras. Tem as igrejas que dá pão. Tem o São Francisco que todos os meses dá mantimentos, café, sabão etc.

– ...Elas vai na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Come qualquer coisa. Tem estomago de cimento armado (...)

– Os prazeres daquele recipiente redondo e achatado conhecido como “marmita” consistem antes de mais nada no fato de ele ser desataraxável... Os primeiros golpes do garfo servem para despertar um pouco aquelas comidas entorpecidas, dar relevância e a atração de um prato recém-servido na mesa àqueles alimentos que ficaram ali amontoados tantas horas. Então se começa a ver que a comida é pouca, e pensa: “É melhor comer devagar”, mas foram levadas à boca, velozes e famélicas, as primeiras garfadas.

– Enquanto come, pensa: “Por que me dá prazer reencontrar aqui o sabor da comida de minha mulher, mas em casa, entre brigas, choros, dívidas que surgem a cada conversa, não consigo apreciá-la?” e depois pensa: “Agora me lembro, isso é o que sobrou da janta de ontem”.

Perguntei para os moços: “Que levam aí embrulhado nesta rede, irmãos?”, e os moços responderam:

“Levamos um morto, irmão”.

“De onde vem este morto, irmãos?”, perguntei.

“Vem de bem longe. Em vida, vivia nos ombros da serra e agora, defunto, há horas que viaja pra sua ultima morada no fundo do vale. Mas vai sem pressa, sem impaciência, como em vida, irmão.

“E de que morreu ele? Foi de morte morrida ou de morte matada?”

“Difícil de responder, irmão. Parece mais ter sido morte matada.”

“Com que mataram o homem? Com faca ou com bala, irmãos?” perguntei.

“Nem de faca nem de bala, foi um crime bem mais bem feito. Crime que não deixa marca”.

“De que mataram então este morto?” indaguei, e eles, bem calmos, responderam:

“Este morto foi matado de fome, irmão”.

Uma última frase.

Bebida é água

Comida é pasto.

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?⁴

Você tolera o quê?

4 Letra da composição “Comida”, do Grupo Titãs.

Bibliografia

- Amado, Jorge (1963). *Seara Vermelha*. São Paulo: Martins Editora. 9ª ed.
- Buck, Pearl (1981). *A Boa Terra*. São Paulo: Abril Cultural.
- Calvino, Ítalo (1984). *Marcivaldo ou As Estações na Cidade*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Castro, Josué de (1935). *As Condições de Vida das Classes Operárias no Recife. Estudo Econômico de sua Alimentação*. Rio de Janeiro: Departamento de Estatística e Publicidade/Ministério do Trabalho indústria e Comércio.
- _____ (1953). *Geopolítica da Fome*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 2ª. Ed.
- _____ (1967). *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Brasiliense.
- _____ (1968). *O Livro Negro da Fome*. São Paulo: Brasiliense. 3ª.Ed.
- _____ (1982). *Geografia da Fome (O dilema Brasileiro: Pão ou Açúcar)*. Rio de Janeiro: Antares: Achiamé. 10ª Ed. (Clássicos das Ciências Sociais no Brasil).
- _____ (1996). *Fome: Um tema proibido*. Recife: CONDEPE/CEPE. 3ª.Ed.
- Cora, Coralina (2001). *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global. (Obras de Cora Coralina).
- Dantas, Francisco J. C. (1993). *Os Desvalidos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- George, Susan. (2002). *O relatório Lugano*. São Paulo: BoiTempo.
- Hamsun, Knut (1955). *Fome*. São Paulo: Clube do Livro.
- Jorge, J.G. de Araújo (1981). *Antologia Poética - Volume I*. Rio de Janeiro: Novo Tempo. 2ª ed.
- Jesus, Carolina Maria de (1963). *Quarto de Despejo. Diário de uma Favelada*. São Paulo: Francisco Alves. 9ª. Ed.
- Minayo, Maria Cecília de Souza (1992). *Fome: O Desafio Radical. Revista Tempo e Presença*. CEDI: São Paulo, Novembro/Dezembro, Ano 14 - No. 266.
- Morin, Edgar & Brigitte Kern (1993). *Terre Patrie*. Paris: Seuil.

- Perrot, Michelle (2000). “O Arquipélago da Intolerância”. En *A Intolerância Foro Internacional sobre a Intolerância*. Unesco, Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Queiroz, Raquel (1991). *O Quinze*. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 46ª.
- Ramos, Graciliano (1995). *Vidas Secas*. São Paulo: Record. 70ª.
- Rocha, Glauber (1965). Uma estética da fome. *Revista Civilização Brasileira* 4 (165-187).
- Romano, Luis (1983). *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro.
- Sá, Xico e U. Dettmar (2003). *Nova Geografia da Fome*. Fortaleza, CE: Tempo d’Imagem.
- Sasson, Albert (1993). *Alimentando o mundo de amanhã*. Rio de Janeiro: Imago, Paris: UNESCO.
- Silva, Tânia E.M. da (1998). “Josué de Castro: Para uma poética da fome” São Paulo. Tese de Doutorado, PUC/SP.
- Touraine, Alain (1998). *Poderemos Viver Juntos? Iguais e diferentes*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes.

Este libro se terminó de
imprimir en junio de 2009
en la imprenta Rispergraf.
Quito, Ecuador